

Pelo prisma de Zurique: os papéis de Jung na construção e disseminação da Psicanálise

Pablo do Vale¹

Resumo

A míope visão ainda veiculada por áreas afins à Psicologia, que pensam a figura de Jung como mero dissidente do movimento psicanalítico, acaba por eclipsar a importância de sua participação na construção e disseminação da Psicanálise como teoria da psique e movimento internacional. Partindo dessa concepção, é pleiteado neste escrito o realce da visão de Carl Jung quanto à gênese da Psicanálise. A retomada dessa perspectiva contribui para o campo da História da Psicanálise ao afastar a simplificada e estereotipada narrativa que, por alguma razão, insiste em reforçar o fim da colaboração entre Sigmund Freud e Carl Jung no uso de termos como cisão e rixa, deixando, desse modo, de olhar para a construção comum de ambos.

Palavras-chave: História da Psicanálise. Jung. Freud. Escola de Viena. Escola de Zurique.

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Pós-graduando *lato sensu* em Psicologia Escolar e Educacional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bolsista de pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Grupo de Trabalho Epistemologia e Interfaces da Psicologia Analítica (GT-EIPsiA), da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Anpepp). Membro da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (Abrapee) e do Grupo Caminhos Junguianos, do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Saúde (Nepis/UFSJ). E-mail: psipablodovale@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8830-7116>.

Se a visão de Carl Gustav Jung (1875-1961) acerca do movimento psicanalítico pode parecer algo inusitado, parte desse fenômeno se deve ao fato de que o psiquiatra suíço continua sendo visto por muitos como uma figura secundária, no que concerne à construção da Psicanálise em seus primeiros anos. Tal posicionamento pode ser verificado na ainda frequente utilização de determinados termos que são empregados para se referir tanto a Jung quanto ao processo de dissidência com Freud. Tais termos podem ser, inclusive, qualificados em conjuntos. No primeiro conjunto, é frequente encontrar qualitativos negativos direcionados ao próprio psiquiatra, tais como: místico, ocultista, charlatão, antissemita, diletante etc. (Shamdasani, 2005); no segundo agregado, há a prevalência de palavras de cunho dramático, referentes ao cessar da contribuição entre ele e Freud, destacam-se vocábulos como: ruptura, abandono, dissidência, apostasia e contenda. Tais termos sugerem e alimentam uma proibição velada que eleva à condição de tabu quaisquer considerações sobre o movimento psicanalítico que tenha origem no pensamento de Carl Jung.

Talvez, justamente por não atender às grandes expectativas de Freud e construir sua própria teoria em torno de seu interesse por fenômenos marginais, Jung tenha sido marcado como “o mais amaldiçoado diletante”. Dado inegável, porém, é o de que Jung fora um exímio psicanalista (ao menos enquanto durou sua contribuição para Freud) e é, ainda hoje, um dos grandes expoentes da Psicologia contemporânea, não havendo, portanto, motivos para negar a plausibilidade de sua atuação e ponto de vista sobre a gênese de um dos pilares do século XX, a Psicanálise. Conforme o escrito por Shamdasani,

Na realidade, os termos “Freud” e “Jung” terminaram inclusive tornando-se signos sistêmicos que, inadvertidamente, se referem a várias décadas críticas de debates, no âmbito do moderno pensamento europeu. Enquanto isso, muitos protagonistas de aspectos decisivos foram completamente esquecidos, o que levou à curiosa situação atual em que somos confrontados com “respostas” sem “perguntas”, a que, supostamente, estariam ligadas (2005, p. 27).

Na introdução que acompanha o volume de publicação das correspondências entre Sigmund Freud e Carl Jung, McGuire (1974a) evidencia o posicionamento anteriormente adotado pelos herdeiros de ambos os teóricos em vetar a divulgação de tal material – o dito material não oficial ou estrangeiro – temendo que o encontro, a colaboração e o afastamento de tais figuras, tão carregadas de projeções, não pudesse ser compreendido em sua total dimensão. E, devido a isso, as correspondências deveriam ser estimadas, ao menos, pelo seu grande valor histórico. Somadas às fantasiosas elucubrações acerca do que foi esse grandioso e tão cercado de mistério momento de encontro entre os autores; outro fator que contribui para o obscurecimento da participação de Jung na sedimentação da Psicanálise como um campo internacional é a própria postura empregada tanto por Freud quanto por Jung em diferenciarem suas teorias uma da outra tão logo suas colaborações chegaram ao fim.

No escrito *A história do movimento psicanalítico* (Freud, 1996b), pode ser percebida, mesmo diante da mais fugaz leitura, a enfática posição de Freud ao considerar sua voz a mais apta a falar sobre o que é a Psicanálise, o genuíno *vector verborum* (vetor das palavras), chegando, inclusive, a minimizar a influência que outras práticas e teorias pudessem ter sobre

seu trabalho.² Não é tão espantoso, depois disso, encontrar a mesma postura afirmativa e reativa em alguns escritos de Jung sobre sua prática, como os textos *Sigmund Freud, um fenômeno histórico-cultural* (Jung, 2013g) e *A divergência entre Freud e Jung* (Jung, 2013f). É perceptível nessas obras o esforço por parte dos autores tanto para delimitarem seus trabalhos quanto para descreverem de modo pouco amistoso a teoria e, por vezes, a personalidade um do outro.

Nesses escritos citados de Freud e Jung, é trivial perceber – e isso é destacado por Shamdasani (2005) tomando como recurso também as correspondências da fase tardia de colaboração entre eles – acusações mútuas entre Freud e Jung, assim como a tentativa de ambos de invalidar as posições teóricas um do outro tomando como fundamento psicologismos rancorosos. Contudo aqui será dada atenção aos anos de colaboração, ao modo como as diferentes trajetórias e pontos de vista teóricos propiciaram o diálogo e a permuta entre esses dois grandes nomes da pesquisa sobre o inconsciente, e qual fora a importância de Jung nessa trama como membro do movimento psicanalítico.

O passo largo de Freud, os primeiros anos da Psicanálise e os estudos do inconsciente

A história mostra que o sintoma foi o fundador da teoria freudiana, sendo, na época, um enigma para o qual método algum tinha solução, o que levou o médico de Viena a adentrar a escuridão do desconhecido e estabelecer os pilares da teoria psicanalítica. Desse modo, Freud, na opinião de Jung (2013i; 2013j), recebe merecidamente os créditos por ter despertado a humanidade para a problemática dos sonhos, além de ter sido o responsável por inserir a Psicologia no fabuloso mundo das imagens oníricas. Para além do pioneirismo, vários outros foram seus méritos no campo da Psicologia. O psicanalista cunhou e formulou conceitos fundamentais da psicoterapia, como a *transferência*, por exemplo. Freud foi o responsável por estruturar a clínica psicoterápica, tal como é feita hoje, chamando, na época, atenção para problemas que ainda são contemporâneos, sendo um deles a questão da cura e do *furor curandis*. “Freud – para citar o mestre em suas próprias palavras – diz que não é bom tentar curar a qualquer custo. Ele sempre me dizia isso, e estava certo” (Jung, 2013h, p. 150).

É inegável que o caráter enigmático do sintoma é ao mesmo tempo a sedução e o desafio deste, e essa dualidade marcou fortemente a trajetória de Freud. Quando chegou a

² “Seja como for, não tem grande importância que a história da Psicanálise seja considerada como tendo início com o método catártico ou com a modificação que nele introduzi; menciono esse detalhe pouco interessante simplesmente porque certos adversários de Psicanálise têm o hábito de lembrar vez por outra que, afinal de contas, a arte da Psicanálise não foi invenção minha e sim de Breuer” (Freud, 1996c, p. 19). É fundamental salientar que essa minimização de influências externas ao pensamento de Freud não se configura, de modo algum, como uma dissimulação por parte do autor. Este se justifica dizendo que, por muito tempo, foi o único entusiasta de seu método e nenhum outro praticante e adepto foi tão inquerido quanto ele, ao longo dos anos, acerca da Psicanálise, tornando-o, assim, o principal responsável por sustentar as demarcações teóricas. Freud chega a atribuir a Breuer (1842-1925), Jean-Martin Charcot (1825-1893) e Rudolf Chrobak (1843-1910) a inspiração para a busca da etiologia das neuroses na sexualidade, embora destaque que, por mais que estes estimassem a sexualidade como fator importante na formação dos sintomas psicopatológicos, ele teria sido o primeiro a considerar a sexualidade como determinante e dar-lhe a merecida importância, criando uma teoria centrada em suas manifestações (Freud, 1996c).

Paris para estudar com Charcot na Salpêtrière, Sigmund Freud tinha como tema de predileção o estudo anatômico do sistema nervoso; ao partir, seu intelecto estava ocupado com questões da histeria e da hipnose. Foi nos primeiros dias de dezembro de 1885, quando terminou seu trabalho no laboratório de Salpêtrière, que o jovem Freud concentrou seus estudos no campo da psicopatologia (Strachey, 1996).

As aulas de Charcot, ministradas nas segundas-feiras, o processo de *consultation externe*³, que ocorria nas terças, e as frequentes conversas e assistências dadas nos demais dias da semana, além do espírito desbravador e incansável do professor na busca por uma etiologia das neuroses que fossem também uma abertura para um saber de ordem psíquico e não apenas fisiológico, cativaram o promissor aluno de Viena. Em seu relatório de conclusão de estudos, Freud escreve sobre o médico francês: “Charcot costumava dizer que, falando de modo geral, o trabalho da anatomia estava encerrado e que a teoria das doenças orgânicas do sistema nervoso podia ser dada como completa: o que precisava ser abordado a seguir eram as neuroses” (1996a, p. 44).

Nos anos iniciais do século XX, a formação psicológica nos cursos de Medicina ainda era das mais deficientes. Os alunos tinham de contentar-se com manuais de Psicologia limitados exclusivamente à descrição e sistematização das doenças psíquicas, e a Psicologia lecionada nas universidades concernia à Filosofia ou à Psicologia experimental, introduzida por Wilhelm Wundt (1832-1920). Os primeiros estímulos para uma psicoterapia das neuroses vieram justamente da escola de Salpêtrière com os estudos de Charcot e Pierre Janet, que foi o responsável por iniciar a pesquisa sobre a Psicologia dos estados neuróticos. Também havia na época os estudos do neurologista francês Hippolyte Bernheim (1837-1919) sobre o tratamento das neuroses por sugestão (Jung, 2013j). Freud foi o responsável por traduzir o livro de Bernheim, algo fundamental em sua busca pelo entendimento das neuroses (Jung, 2013i).

Pertence então ao psicanalista o mérito de ter fundamentado as bases para uma Psicologia das neuroses. “Seu ensinamento resultou da experiência adquirida no tratamento prático das neuroses, isto é, da aplicação de um método, que ele chamou de *Psicanálise*” (Jung, 2013j p. 20). Ele não era um psiquiatra, filósofo ou até mesmo psicólogo, Freud foi um neurologista e jamais deixou de sê-lo. Tal dado é crucial para a compreensão das fundamentações e opiniões formuladas pelo psicanalista. Sua formação carregava a marca indelével do consultório médico. No entanto, mesmo assim, Freud foi capaz de perceber que o fator neurótico estava além de uma doença individual, sendo também um expoente da mentalidade de seu tempo. Isso permitiu a Freud teorizar sobre os alicerces de uma sociedade com pressupostos morais, filosóficos e religiosos que se mostraram irremediavelmente frágeis diante do exame crítico. Esse movimento conferiu à Psicanálise, para além da dimensão clínica, o status de teoria coletiva e social (Jung, 2013i).

³ Eram aulas em que os assistentes do professor Charcot lhe apresentavam casos típicos ou difíceis para exame. O encanto de Freud com o professor francês pode ser verificado no seguinte trecho de seu relatório de estudos: “Às vezes era desanimador quando o grande homem deixava alguns desses casos, para usar sua própria expressão, ‘afundar no caos de uma nosografia ainda desconhecida’; outros, contudo, lhe davam oportunidade de usá-los como ponto de partida para os mais instrutivos comentários sobre a ampla variedade de questões de neuropatologia (Freud, 1996a, p. 43).

O primeiro trabalho de grande relevância no campo das neuroses foi publicado por Breuer e Freud (1996) e tinha como título *Studie über Hysterie* (Estudos Sobre a Histeria). Apesar de introduzir perspectivas completamente novas concernentes à interpretação dos sintomas neuróticos, infelizmente, o escrito não obteve grande impacto no campo médico. Alguns autores até faziam pronunciamentos elogiosos ao escrito, todavia mantinham o velho e habitual *modus operandi* ao lidar com a histeria (Jung, 2013j; 2013k).

A pesquisa empreendida por Freud na época visava descobrir os meios e as formas operantes na formação dos sintomas histéricos, isto é, o processo psicopatológico. Em seus projetos iniciais, S. Freud pretendia preencher minuciosamente a lacuna até então existente no longo meandro entre o evento primeiro e o sintoma manifesto, processo sobre o qual, até aquele momento, ninguém havia discutido devidamente (Jung, 2013b).

As nuances das contribuições de Jung para o desenvolvimento da Psicanálise como teoria e movimento começam a aparecer justamente no desenrolar histórico dessa busca pelo entendimento da etiologia das neuroses. Grande parte dessas contribuições ainda perpassa pela dramática trajetória de aceitação da teoria freudiana no meio médico e educacional (Shamdasani, 2005).

De Viena para a Suíça: a expansão do movimento psicanalítico e os dois modos de inserção no meio acadêmico

No fim do século XIX e início do século XX, muitos estudos acerca das manifestações inconscientes estavam sendo conduzidos. Um deles, o notável *Estudos sobre a histeria*, de Freud e Breuer (1996), figurava como uma importante contribuição para o campo, juntamente com os experimentos conduzidos por pesquisadores de renome, tais como Pierre Janet (1859-1947) e Theodore Flournoy (1854-1920), esses últimos, no entanto, eram inseridos e reconhecidos no contexto acadêmico (Ellenberger, 1970). Vale ressaltar que àquela época o próprio Jung já era bastante influenciado pelo modelo de *Psicologia individual* crescente no pensamento psiquiátrico francês e desenhado por pesquisadores como Flournoy e Alfred Binet (1857-1911). Binet advogava pela investigação minuciosa e profunda dos indivíduos. O uso desse método clínico como modelo investigativo forneceu as contingências necessárias para o uso da psicoterapia como dispositivo metodológico de estudo das peculiaridades individuais, “que foi precisamente o que Jung tentou fazer, mais tarde” (Shamdasani, 2005, p. 56). É precisamente nesse ponto, o percurso acadêmico e os anos iniciais da prática clínica de Freud, que reside a pedra angular sobre a qual gira a estruturação do círculo psicanalítico, a inserção da Psicanálise na academia, e como Jung contribuíra ao emprestar e imprimir uma imagem “científica”, conforme os preceitos epistemológicos da época, à teoria freudiana nesses estágios iniciais.

Por mais inovadoras que pudessem ser as experiências descritas por Freud e Breuer (1996) em *Estudos sobre a histeria*, o contexto no qual foram concebidas tais investigações é de grande relevância para pensarmos a recepção de suas propostas. Breuer havia recusado duas importantes titulações acadêmicas que colocariam sua carreira como cientista em um elevado patamar, a saber, a posição de *Privat Dozent* e o título de *Professor Extraordinário*.

A justificativa para tal ato seria a devoção que consagrava a seus pacientes e sua prática clínica, não querendo sacrificá-los em nome de uma carreira acadêmica-científica. Quanto a Freud, o médico de Viena aspirava à academia, porém, dadas as dificuldades envolvidas no processo, acabou optando pela prática como residente. Tais fatos e o espírito intransigente do meio científico daquela época contribuíram para que a Psicanálise fosse vista como algo estrangeiro ao conhecimento acadêmico, tendo recebido, muitas vezes, críticas injustas (Ellenberger, 1970; Shamdasani, 2005).

Carl Jung foi um dos membros do círculo psicanalítico que exerceu grande papel na inserção da Psicanálise no meio científico e acadêmico. E isso foi feito de dois modos: em primeira instância é possível falar de uma inserção passiva procedida por meio dos Estudos Experimentais (Jung, 2012a; 2012b). Apesar de suas ressalvas em relação a alguns princípios psicanalíticos da época, como o caráter exclusivamente sexual da energia psíquica e a ideia de que a etiologia das neuroses residia sempre em um trauma infantil (Jung, 2013i), Jung (2014a) já tinha interesse nos fenômenos psicodinâmicos descritos em *A interpretação dos sonhos* (Freud, 2001) e percebeu que muitos dos resultados obtidos por Freud em suas observações clínicas eram consonantes com os dados que ele próprio, Jung, obtivera em seus experimentos de associação de palavras.⁴ Tais experimentos foram realizados na clínica de Burghölzli, em Zurique, sob a rigorosa supervisão de Eugen Bleuler,⁵ e foram o mote para o início do diálogo epistolar entre Jung e Freud.

O ponto primevo da fascinante permuta fora justamente uma epístola de agradecimento de Freud por Jung ter lhe enviado artigos sobre seus estudos experimentais em associação de palavras (Shamdasani, 2005). Nos artigos e relatórios dos experimentos, Jung (2012a), com frequência considerável, remeteu aos conceitos e ideias provindas da então alvorecente teoria psicanalítica. Conceitos como *repressão* (p. 55-56)⁶, *condensação* (p. 135), *método da associação espontânea* (p. 198) e outros centrais do vocabulário das obras de Freud são muito frequentes.

Todavia o mais importante escrito dessa série de estudos experimentais parece ser o artigo “Psicanálise e o Experimento de Associações” (Jung, 2012b). Jung (2012b) abre esse

4 É bastante curiosa a seguinte fala de Jung (2014a, p. 48) em um de seus Seminários Sobre Psicologia Analítica: “Em 1900 li o livro *Interpretação dos Sonhos*, de Freud. Coloquei-o de lado como algo cujo significado não captei completamente. Depois voltei ao livro em 1903 e encontrei nele a conexão com minhas próprias teorias.”

5 O teste de associação de palavras é uma das três formas de acessar o lado obscuro da mente humana, o inconsciente – as outras duas são a análise dos sonhos e a técnica de imaginação ativa. O teste consiste em uma lista com determinado número de palavras. É pedido então ao sujeito experimental para que reaja com a primeira palavra que lhe vier à cabeça, o mais imediato possível, depois de ter ouvido claramente a palavra estímulo. O tempo de cada resposta é marcado com um cronômetro. Depois de terminadas as palavras, é iniciada a segunda etapa da experimentação: as palavras estímulo são repetidas e a pessoa deve repetir suas respostas prévias. Em algum ponto a memória falha e esse é o dado importante. O falhar da memória e as outras possíveis reações como: responder mais de uma palavra (que vai contra a regra principal do experimento), delongar-se para responder (o tempo de resposta é classificado como demorado ou não com base no tempo médio de respostas emitidas pelo mesmo sujeito) e apresentar alterações nos epifenômenos psicofísicos (acentuada variação no pulso, na respiração e no efeito psicogalvânico) são indicadores da operação de um complexo inconsciente (Jung, 2013h).

6 Um dado interessante é o conteúdo da nota de rodapé da página 217 de *Investigações Experimentais Sobre Associações de Pessoas Sadias* (Jung, 2012a): “Usamos o termo “repressão” no sentido de Freud e Breuer (1996), cujos trabalhos *Studien über Hysterie* devemos valiosos incentivos para nossa pesquisa.

escrito argumentando sobre a dificuldade natural em lidar com a histeria, seja na prática clínica, seja na pesquisa teórica. Em meio às explicações, ele tece uma justa defesa à teoria psicanalítica e explica como seus conceitos devem ser entendidos: “Também não se deve entender sempre os termos de Freud como conceitos científicos, mas com expressões improvisadas de sua rica linguagem. Quem, portanto, escreve sobre Freud não deve discutir palavras; deve ter em vista o essencial” (Jung, 2012b, p. 331).

No decorrer do escrito, Jung (2012b) demonstra como as explicações dadas por Freud (2001) aos fenômenos descritos em *A interpretação dos sonhos* são condizentes com os resultados obtidos em seus Testes de Associações e como esses últimos podem auxiliar o tratamento psicanalítico. Para tal, Jung expõe o caso clínico de uma paciente, antes submetida ao Teste de Associação de Palavras e depois atendida por ele valendo-se do método psicanalítico “exatamente de acordo com o modelo de Freud” (Jung, 2012b, p. 349).

Durante o teste, Jung (2012b) percebeu que a paciente hesitava diante de palavras-chave como: *estranho, pai, professor, água* e outras mais. A explicação para tal fenômeno e seu elo com a Psicanálise se dava, conforme o próprio autor, devido à atuação de um complexo inconsciente que cria manifestações de resistência como hesitação e reprodução deficiente da palavra já dita. Em termos psicodinâmicos, um complexo é um nódulo energético formado no psiquismo a partir de uma convergência de afetos. Pode-se dizer que é a *imagem*, isto é, a convergência de informações, de uma situação psíquica específica dotada de carga emocional intensa, que se contrapõe à disposição ou atitude consciente. Essa imagem apresenta forte consistência interna, isto é, tem sua própria totalidade e é dotada de certo grau de autonomia. *Latu senso*, um complexo pode ser reprimido por meio do exercício da vontade, mas não pode ter sua existência negada, e, assim que provocado, emergirá novamente com a mesma força original (Jung, 2013h). Freud usava o método da Livre Associação em Psicanálise como forma de navegar pelo inconsciente e se aproximar dos complexos.

No decorrer do relato do caso, Carl Jung (2012b) diversas vezes recorreu aos dados obtidos no experimento para melhor guiar o atendimento psicanalítico, em outros momentos os dados do experimento o auxiliavam na compreensão das associações da paciente. Alguns exemplos são bem ilustrativos; em uma das sessões, a paciente relatou estar enamorada por um sujeito desconhecido, fantasiava, inclusive, que se casaria com ele; todavia, pouco tempo depois, ele a deixou sem sequer se despedir. Ela, que nunca mais ouviu falar dele, ainda o esperou por muito tempo e cultivava esperanças de que um dia o rapaz lhe escreveria. Aos olhos de Jung, essa história corresponde ao par de associações *estranho-saudade*, à qual a paciente demorou 14,8 segundos para responder, o que corresponde a uma forte resposta afetiva, pois até então o tempo médio de associação da paciente era de 2,36 segundo. Depois de mais uma série de exemplos psicanalíticos extraídos do pareamento da técnica de associação livre com o experimento de associação de palavras, Jung fecha o artigo com os seguintes dizeres:

Como ressalta alguns recentes trabalhos, parece que nos acostumamos a ignorar sistematicamente a teoria freudiana dos fenômenos obsessivos. Tenho, pois, a máxima satisfação de chamar novamente a atenção para as teorias de Freud, sob pena de correr também o risco de tornar-me também vítima de amnésia sistemática (2012b, p. 361).

Retomando o texto *Psicanálise e o Experimento de Associações* (Jung, 2012b), vale notar informações presentes no resumo do artigo dividido em três tópicos. No segundo tópico, Jung coloca a conclusão de que as associações podem ser um recurso valioso no processo de descoberta de um complexo patogênico, o que poderia facilitar e, até mesmo, abreviar a Psicanálise de Freud. Por fim, no terceiro item, que é o mais relevante para este escrito, Jung afirma que as associações proporcionam um panorama experimental, conforme o modelo psicofísico, da estrutura psicológica do sintoma neurótico, a confirmação, portanto, da premissa de Freud de que estes derivam de um complexo. E os sintomas físico são então retratos simbólicos desse complexo patogênico.

Essa tentativa de levar a Psicanálise para o meio científico por via do experimento de associação e publicações científicas acontece também em diversos outros escritos. Em *Investigações Psicofísicas com o Galvanômetro e o Pneumógrafo em Pessoas Normais e Doentes Mentais* (Jung & Peterson, 2012), Carl Jung, mais uma vez, complementa a Psicanálise com o experimento de associações. Nesse escrito em específico, ao abordar a demora nas associações, Jung recomenda a leitura de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 2001) para o esclarecimento do fenômeno.

É evidente que associações desse tipo têm a tendência de vir acompanhadas de forte carga emocional. A explicação seria simples se a pessoa estivesse consciente do complexo que foi atingido. Mas é muito comum que a pessoa experimental esteja inconsciente do complexo atingido pela palavra-estímulo e não tenha condições de responder nada sobre ele. Nesse caso é preciso empregar o método psicanalítico que Freud usa nos estudos dos sonhos e da histeria. Levaria muito longe descrever aqui os detalhes desse método de análise; remetemos o leitor para a obra de Freud *A Interpretação dos Sonhos* (Jung & Peterson, 2012, p. 579).

Aos poucos, Jung, por via de citações em seus artigos científicos, foi introduzindo a Psicanálise no meio acadêmico, o que tornou a disciplina bastante aceita na Suíça, fato reconhecido pelo próprio Freud na segunda parte de *A história do movimento psicanalítico*. A Psicanálise, que vinha sendo rejeitada no meio científico, passou a ter gradual aceitação.

Em 1907, contra todas as expectativas, a situação mudou de repente. Parecia que a psicanálise havia discretamente despertado interesse e angariado adeptos e que havia até mesmo alguns cientistas que estavam prontos a reconhecê-la. Uma comunicação de Bleuler me informara antes disso que minhas obras tinham sido estudadas e aplicadas no Burghölzli (1996b, p. 36).

O experimento de associações foi responsável por aproximar a Psicanálise do modelo de cientificidade proposto na época, baseado principalmente nos pressupostos experimentais ditados pelo trabalho de Fechner (Shamdasani, 2005). Jung foi responsável por promover a aceitação da Psicanálise no meio acadêmico e ainda contribuiu para a fundamentação da teoria dos complexos. Como bem lembra Freud (2014) nas *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, o entendimento da Psicologia dos complexos é crucial para a prática clínica e para a compreensão dos processos subjacentes ao psiquismo.

Os pensamentos espontâneos e outros epifenômenos – que consistem em manifestações de algo subjacente, a saber, os complexos – são unidades de análise que

Vale, P. do

não podem de modo algum serem desprezadas. E, apesar da já existência das notáveis investigações experimentais de Wundt, no que concerne à associação de palavras, foi a escola de Zurique, sob a orientação de Jung e Bleuler, que ofereceu explicações para os resultados das associações. Foi possível verificar que tais reações eram determinadas, de modo bastante claro, pelos complexos do sujeito experimental. “Com isso, Bleuler e Jung construíram a primeira ponte entre a Psicologia experimental e a psicanálise” (Freud, 2014, p. 146). O que Jung fazia naquele momento era um amálgama entre a metodologia experimentalista de Wundt, o projeto da Psicologia individual ou diferencial, baseado em Binet⁷ e, por fim, a abordagem clínica provinda da Psicologia francesa. Desse modo, ele tentou traçar os caminhos para um método clínico experimental (Shamdasani, 2005).

Para Freud (2014), a abordagem clínica foi o grande diferencial entre as escolas de Zurique e Leipzig, pois Jung não apenas estudava as variáveis, como fazia Wundt, mas interpelava o sujeito da experiência para que esclarecesse suas reações mediante as associações. Como historiador, Sonu Shamdasani (2005) afirma que a impressão gerada por tal empreito era a possibilidade da condução da psicoterapia de modo supostamente científico, o que contribuiu muito para ascender a popularidade das pesquisas de Jung, notavelmente no continente americano.

Apologia a Freud e a divulgação da Psicanálise

O segundo movimento de inserção ou divulgação da Psicanálise, denominado aqui, devido ao seu forte teor de apologia e militância, de movimento ativo, se deu por meio de artigos e conferências explicitamente psicanalíticos, além de defesas às críticas sofridas por Freud e a Psicanálise, tais artigos eram encaminhados aos periódicos científicos da época e as conferências ministradas em instituições de ensino superior.

Esse tipo de apologia ou inserção é lembrado por Carl Jung em mais de uma de suas preleções nos Seminários sobre Psicologia Analítica. Na terceira alocução, Jung (2014a) conta como fora uma tarefa árdua a inserção de Freud em sua vida. Naquela época, o psiquiatra e psicoterapeuta suíço pretendia seguir carreira acadêmica e Freud era *persona non grata* no meio médico, quase não era mencionado por pessoas de importância e, nas assembleias, seu nome era restrito aos cochichos dos corredores; qualquer ligação com o psicanalista colocava em risco a reputação de alguém. Todavia, mesmo em tal cenário tenebroso, Jung decidiu ser aliado de Freud, pois reconhecia seus méritos tanto na fundação do método psicanalítico

⁷ Alfred Binet, nascido em Nice, França, em 1857, foi um eminente psicólogo e diretor do Laboratório de Psicologia Fisiológica da Sorbonne. Binet estudou Medicina, todavia seus interesses voltaram para a Psicologia da criança e dos especiais e foi justamente nesse campo que seus trabalhos se tornaram conhecidos. No ano de 1895, fundou a revista *L'année Psychologyque*, na qual escritos seus e de seus alunos eram publicados. Também foi, em 1904, membro de uma comissão de médicos, educadores e cientistas nomeados pelo então Ministro da Instrução Pública da França, que visava estabelecer metodologias para ensino das crianças especiais das escolas públicas de Paris. Como proveito direto de sua participação na comissão, Binet, com colaboração de Théodore Simon, publicou no ano de 1905 sua primeira escala para medida de inteligência geral derivada de uma série de testes. Novas versões da mesma escala surgem em 1908 e em 1911. Em suma, Binet foi um grande expoente da Psicologia experimental e individual, tendo sido em muito influenciado pelas obras de Francis Galton (Garret, 1959; Goodwin, 2010).

Vale, P. do

quanto nos resultados alcançados. Na conferência, diz de modo claro o progenitor da Psicologia Analítica:

Por isso saí abertamente em defesa de Freud e lutei por ele nos congressos subsequentes. Num destes congressos chegou certo conferencista e deu uma explicação das neuroses ignorando completamente Freud. Protestei contra isso e travei minha primeira batalha em favor das ideias de Freud. Mais tarde, num outro congresso, houve uma conferência sobre neuroses de compulsão e novamente foi omitida a menção de Freud. Desta vez escrevi um artigo num conhecido jornal alemão atacando o homem (Jung, 2014a, p. 55-56).

Para Jung (2014a), as ideias de Freud deveriam ser disseminadas e a Psicanálise merecia ser conhecida em todo o meio científico, e ele próprio travaria batalhas em nome de Freud, mesmo que isso lhe custasse posições na academia. Exemplo claro desse empreito é o escrito apologético “A teoria de Freud sobre a histeria: resposta à crítica de Aschaffenburg” (Jung, 2013a), publicado originalmente na revista *Münchener medizinische Wochenschrift*, LXXX/47, no ano de 1906. Nesse artigo, Jung propõe uma resposta e um esclarecimento às críticas do professor Aschaffenburg⁸ sobre a teoria freudiana da histeria. Trata-se de um texto bastante moderado que elenca diversos méritos e componentes da Psicologia de Freud, mas restringe suas explicações ao método psicanalítico, a teoria da sexualidade e a histeria.

Em carta enviada a Freud em outubro de 1906, Jung (2002) já se mostrava preocupado com o processo de aceitação da Psicanálise no meio científico e com como a crítica áspera de Aschaffenburg poderia influenciar o desenrolar na academia. No decorrer da epístola, Jung conta ainda para Freud que se correspondera com o próprio Aschaffenburg a fim de defender a Psicanálise e, no fim, afirma com orgulho que, por meio de um exemplo clínico, chamara atenção de Bleuler para a existência de princípios psicanalíticos aos quais o experiente médico antes era resistente. Na carta de resposta, Freud comemora a “conversão” de Bleuler e afirma que, dada a baixa qualidade das críticas de Aschaffenburg, não as responderá (Freud & Jung, 1974). Porém, mesmo diante da hesitação de Freud, numa correspondência de 26 de novembro de 1906, Jung afirma ter elaborado a defesa por escrito – enviada em separata na mesma data que a carta –, que mais tarde viria a ser publicada em um veículo de divulgação científica. Na mesma missiva, também relata ter feito defesas à Psicanálise no Congresso dos Alienistas, em Tübingen, em resposta às críticas do Professor Hoche⁹. No fim, Jung ainda reporta a Freud que outros médicos de relevância¹⁰ passaram a usar o método psicanalítico e reconhecem nele uma nova possibilidade para a prática clínica (Freud & Jung, 1974).

8 Gustav Aschaffenburg (1866-1944) foi professor de Psiquiatria e Neurologia em Heidelberg, tendo se transferido para Halle e, posteriormente, Colônia. Depois de 1939, lecionou em Baltimore e Washington. A crítica em questão foi feita no congresso de Neurologistas e Psiquiatras Alemães do Sudoeste e foi publicada como “Die Beziehungen des sexuellen Lebens zur Entstehung von Nerven und Geisteskrankheiten” (Mcguire, 1974b; Jaffé, 2002).

9 Erich Hoche (1865-1943) foi professor de Psiquiatria em Freiburg e adversário declarado da teoria psicanalítica (Mcguire, 1974b; Jaffé, 2002).

10 Dr. Frank, ex-diretor do Hospício de Münsterlingen, e o Dr. Bezzola, médico-chefe no Sanatório de Schloss Hard (Mcguire, 1974b; Jaffé, 2002).

Outros escritos de Jung, como “A teoria freudiana da histeria” (2013b)¹¹ e “A análise dos sonhos” (2013c)¹², seguem os mesmos princípios apologéticos do texto de 1906, apresentam explicações de pormenores da teoria psicanalítica e objetivam alcançar o grande público científico. Em ambos os artigos, o psicoterapeuta suíço mantém o nome de Freud em destaque e remete aos textos até então escritos pelo fundador da Psicanálise.

No primeiro escrito, Jung (2013b) expõe que a teoria psicanalítica da histeria ainda está em construção e que caminha conforme as descobertas clínicas de Freud, também explica quais são os objetivos da pesquisa freudiana e sobre quais bases teórico-empíricas repousam as construções erigidas por Freud e Breuer. Em “A análise dos sonhos”, Jung (2013c) expõe que Freud foi o responsável por demonstrar ao mundo que os sonhos não são de modo algum uma mistura caótica de associações causais e parvas de sentido, mas sim uma obra psíquica complexa com seus próprios motivos e cadeias de associações. Nesse escrito, Jung ainda define uma série de conceitos psicanalíticos, como *conteúdo manifesto dos sonhos*, *censura* e *complexo*. Ademais, fornece exemplos de como driblar a censura pelo método psicanalítico para interpretar os sonhos e faz recomendações de leituras.

O método psicanalítico que está sendo usado em toda parte já pôde registrar um elenco considerável de literatura especializada em língua alemã. Estou convencido de que o estudo desse método é extremamente importante, não só para psiquiatras e neurologistas, mas também para psicólogos. Recomendamos a leitura das seguintes obras: Para a Psicologia normal, Freud, *A interpretação dos sonhos* e *Chistes e sua relação com o inconsciente*. Para as neuroses, Breuer e Freud, *Estudos sobre a histeria*; Freud, *Um caso de histeria*. Para psicoses, Jung, *A Psicologia da dementia praecox*. Os escritos de Maeder¹³, em *Archives de psychologie*, também nos dão um excelente resumo das ideias de Freud (Jung, 2013c, p. 44).

Debruçar sobre o volume *Freud e a Psicanálise* das obras coligidas de Carl Jung – publicadas como *Obras Completas*, no Brasil, pela Editora Vozes – é um interessante exercício no entendimento dos tempos de Jung como membro do movimento psicanalítico. Nesse volume, estão contidos os escritos de Jung sobre Freud e a teoria psicanalítica que foram publicados entre 1906 e 1916, período de grande militância de Jung em prol da Psicanálise. Nele há desde textos de divulgação a contribuições para a Psicanálise, como os artigos “Contribuições à Psicologia do boato” (Publicado em *Zentralblatt für Psychoanalyse*, 1/3, 1910/1911), “Contribuição ao conhecimento dos sonhos com números” (Publicado em *Zentralblatt für Psychoanalyse*, 1/8, 1910/1911), “A importância do pai no destino do indivíduo” (Publicado em *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, 1, 1909); além de conferências completas, como as nove preleções pronunciadas em inglês na

11 Conferência ministrada em setembro de 1907, em Amsterdã, no Primeiro Congresso Internacional de Psiquiatria e Neurologia, e publicado posteriormente em 1908 em *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, XXIII/4, Berlim.

12 Publicado com o título original de “L’analyse des Rêves” na revista *Anée Psychologique*, de Paris, em 1909.

13 Aqui Jung (2013c) se refere especificamente ao texto “Die Symbolik in den Legenden, Märchen, Gebrauchshen und Trumen”, publicado por Alphonse Maeder em 1908, no qual o autor faz um apanhado geral de conceitos fundamentais da teoria psicanalítica. Maeder foi colaborador próximo de Jung no Burghölzli, inicialmente membro promissor do movimento psicanalítico, mas se afastou de Freud depois de encontrar resistência para a apresentação de novas ideias, passando a integrar então o movimento da Psicologia Analítica (Ellenberger, 1970).

Fordham University, em Nova York, em setembro de 1912, que formam o texto “Tentativa de apresentação da Teoria Psicanalítica”, publicado posteriormente em 1913 no *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*.

Também está nesse volume o escrito de maior apelo popular em defesa e divulgação da Psicanálise: “A respeito da Psicanálise” (Jung, 2013d). O artigo em questão foi publicado em *Wissen und Leben*¹⁴ com uma nota explicativa da Redação afirmando que uma série de artigos favoráveis e contrários às teorias de Freud foram publicados no jornal *Neue Züricher Zeitung*, portanto, em vista de esclarecer tantos mal-entendidos sobre a teoria psicanalítica, a equipe convocou Carl Jung para que escrevesse um epílogo sobre o tema. Jung (2013d) o faz com um teor ranzinza e bastante caricato pelo qual se desculpa ao fim do epílogo. De início, Jung (2013d) afirma que epílogo só poderia conter “a defesa da verdade científica seriamente atacada – verdade esta que acreditamos estar contida na Psicanálise” ou a defesa dos próprios atributos científicos. Para o analista de Zurique, apenas o primeiro caso é digno de resposta; todavia, mesmo no primeiro caso, a discussão só é concebida quando se argumenta com informações objetivas oriundas de estudos cuidadosos, tanto no campo prático como teórico. Nesse caso, Jung (2013d) afirma preferir debater a sós, embora já o tenha feito publicamente por via de revistas científicas. Também afirma desconsiderar qualquer crítica *ad hominem* ou de cunho moral. Sobre a crítica calcada na sexualidade, o autor afirma:

Há anos venho dizendo, em meus seminários e em meus escritos, que o conceito de libido é usado em sentido extremamente genérico, mais ou menos no sentido de instinto de conservação da espécie, e que na terminologia psicanalítica não significa absolutamente “excitação sexual localizada”, mas qualquer tendência e desejo que ultrapassem a esfera da autoconservação e neste sentido é usado. Pronunciei-me há pouco tempo a respeito destas questões genéricas num volumoso trabalho, mas nossos adversários querem e decretam que nossa concepção seja como eles entendem, isto é, “grosseiramente sexual” (Jung, 2013d, pp. 94-95).

Jung (2013d, p. 95) continua seu epílogo dissertando sobre os profissionais ineptos que praticam a Psicanálise, separando-os do método psicanalítico: “Que pessoa inteligente responsabilizará um método inventado em proveito da humanidade pelos erros e imperfeições na aplicação desse mesmo método?”. O suíço lança mão do exemplo da cirurgia e diz tratar-se de um método perigoso, principalmente “nas mãos de um idiota” – e afirma que ninguém se confiará a um cirurgião inábil. O mesmo ocorre com a Psicanálise. Indubitavelmente, existem médicos ineptos e leigos que se aventuram no método erroneamente, e há também os charlatões e os incompetentes; entretanto isso não justifica a condenação *in totum* da ciência, do método, do pesquisador e do médico.

Feitas as explanações, o autor se desculpa e agradece pela oportunidade de divulgação: Quereria desculpar-me, se meu modo de escrever às vezes não consegue libertar-se de uma ligeira ponta de mau-humor, pois ninguém é tão imune ao julgamento público

14 Conforme Rätus Luck (2009), no *Historisches Lexikon der Schweiz* [HLS], *Wissen und Leben* foi um antigo periódico suíço de cunho popular, fundado em 1907, que, posteriormente, em 1913, se uniu à revista *Die Alpen* e adotou o nome de *Neue Schweizer Rundschau*.

Vale, P. do

que não sinta amargura por causa do descrédito e leviandade com que é tratado seu honesto esforço científico.

Queira aceitar, estimado Sr. Redator, a expressão de minha estima e consideração (Jung, 2013d, p. 96).

Carl Jung (2002) ainda desenvolveu outros papéis no movimento psicanalítico; foi, por exemplo, nomeado por Freud presidente da Associação Psicanalítica Internacional, além de redator e diretor do periódico *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* (Anuário de pesquisas psicanalíticas e psicopatológicas). Ambos os cargos foram exercidos pelo psiquiatra de Zurique com grande empolgação, o que é percebido claramente em diversos trechos de suas correspondências ao falar sobre a organização de eventos e do *Jahrbuch*. Em carta ao Dr. Karl Abraham, datada de 30 de janeiro de 1908, Jung (2002) recebe com satisfação a notícia de que Abraham conferenciará em Salzburgo, mas recomenda que o médico seja breve em sua preleção, não mais que 20 minutos, para que haja tempo hábil para a fala de Freud.

Em janeiro de 1909, Jung escreve para Ferenczi notificando que incluíra o artigo “Introjektion und Übertragung” no *Jahrbuch* daquele ano. Em dezembro, Jung escreve novamente para Ferenczi indagando-lhe se enviará algum escrito para o *Jahrbuch II*. Em verdade, como demonstrado aqui, é bastante raro que Jung (2002) não mencione o *Jahrbuch* em epístolas direcionadas aos membros do Movimento Psicanalítico, salienta-se que as contribuições dele para o movimento psicanalítico foram intensas naquela época. O jovem Jung contribuiu para a construção e divulgação da Psicanálise em diversas esferas, inserção no meio científico, construções teóricas, divulgação e organização do movimento. Até o momento em que era aliado de Freud, o psiquiatra de Zurique foi um assaz defensor e contribuinte da Psicanálise.

Para além de uma ruptura, o nascimento de um projeto

A separação entre Jung e Freud é o marco final da contribuição de ambos os autores. Considerar esse rompimento uma divergência ou rixa é subestimar e até mesmo, de certo modo, espetacularizar o que foi esse evento. Assuntos pessoais à parte, teoricamente, o desentendimento era inevitável para Jung (1989), pois não se tratava apenas de um ocorrido, mas de uma consequência de um projeto que se desenvolvia silenciosamente e era inevitável, a saber, a Psicologia Analítica. A teoria junguiana não surge necessariamente depois da ruptura com Freud – e esse é um equívoco muito comum entre os psicólogos –, o conhecimento da biografia e da obra de Jung mostra que suas concepções psicológicas, filosóficas e até mesmo epistêmicas foram sendo formuladas quase que independentemente de suas vontades, como uma flor que, em condições favoráveis, inevitavelmente desabrocha (Boechat, 2014; Jung, 2014a, 1989; Shamdasani, 2005).

Desde jovem, Jung era fascinado tanto pelas ciências da natureza quanto pelas ciências do espírito e percebeu, ao fim da faculdade de Medicina, que o estudo da personalidade era a deixa para contemplar ambas as vias. Ele também tinha interesse pela investigação dos eventos ditos marginais, a parapsicologia e os fenômenos religiosos, além de acreditar que a chave para o entendimento da fenomenologia psíquica se encontrava não apenas no estudo da

metapsicologia e da psicopatologia, mas também nas investigações da mitologia comparada. Seu interesse era ampliar o escopo científico, trazendo para o campo da investigação sistemática fenômenos até então rejeitados pela cientificidade da época (Jung, 1989, 2014; Shamdasani, 2005). Notáveis exemplos desse tipo de investigação são os escritos iniciais “Sobre a psicopatologia dos fenômenos chamados ocultos” (Jung, 2014b), “Criptomnésia” (Jung, 2014c) e o tardio “Um mito moderno sobre coisas vistas no céu” (Jung, 2014d). Mesmo fascinado com a figura de Freud e com o excitante diálogo de 13 horas travado no primeiro encontro, em 1907, Jung teve suas expectativas abaladas ao perceber que o mestre de Viena era intransigente quanto às investigações da parapsicologia e considerava o campo dos fenômenos marginais uma *black tide of mud* (Jung, 1989, p. 150), uma maré negra de lama (tradução nossa) da qual ele e Jung deveriam se manter o mais longe possível.

O trajeto filosófico percorrido por Jung desde seus primeiros passos no estudo das ciências do espírito o levou invariavelmente à formulação da Psicologia Analítica como um projeto de conhecimento da alma humana (Shamdasani, 2005). Previamente e, também, ao longo de sua parceria com Freud, Carl Jung esteve em contato com obras centrais do classicismo de Weimar (Bishop, 2010) e do romantismo e idealismo alemão (Bell, 2010). Assim, a sua experiência clínica com pacientes psiquiátricos que pareciam repetir em suas fantasias motivos mitológicos e religiosos das mais variadas ordens, bem como a ideia de completude do mundo (*Bildung*) como unidade e renascimento presente na Filosofia de Schelling (2015), e a concepção de um inconsciente marcado por um substrato biológico que produz sonhos e fantasias, presente na Psicologia de C. G. Carus (Bell, 2010), levaram Jung (20136h) a pensar um modelo de inconsciente como fenômeno participante do mundo e da história natural. Isto é, um inconsciente que não fosse apenas um caldeirão de ideias e experiências reprimidas, mas a fonte de toda produção humana e o marco da presença da humanidade na natureza (Shamdasani, 2005). Jung começou a desenvolver essa ideia de um inconsciente filogenético ao longo do estudo “Transformações e símbolos da libido”, cuja primeira parte foi publicada em 1911 no volume III do *Jahrbuch* e sua continuação editada em 1912, no *Jahrbuch* IV. Em suas versões atuais, o manuscrito leva o título de “Símbolos da transformação” (2013e). O referido texto sofreu forte oposição e desaprovação por parte de Freud, que se mostrou absolutamente contrário à ideia de um inconsciente filogenético e, portanto, pertencente à espécie antes do sujeito. Quanto ao tipo de investigação desenvolvida no escrito, Freud categorizou como algo fora do escopo e dos preceitos psicanalíticos (Shamdasani, 2005).

O inconsciente coletivo, que começa a ser descrito por Jung em 1911, é o prisma pelo qual passa toda a teoria junguiana e toda a percepção que Jung tinha acerca do mundo, a sua cosmovisão. E é justamente o sonho que lhe revela o inconsciente coletivo um dos mais ponderosos eventos em sua relação com Freud, talvez até a bifurcação final que os distanciou de vez. O relato data do fatídico ano de 1909, quando ambos viajam juntos para os Estados Unidos para ministrar conferências na Clark University, em Worcester, Massachusetts. Durante a viagem de navio, Jung relatou a Freud um sonho cuja interpretação viria a divergirem. No sonho, Jung se encontrava em uma casa desconhecida que, porém, ele diz ser sua, ele estava no segundo andar, em uma espécie de sala de estar que era ornamentada com móveis

Vale, P. do

de estilo rococó. Nas paredes haviam quadro valiosos. A curiosidade o faz pensar em o que há no andar inferior e, ao descer as escadas lá chega. Os ornamentos e ambiente do térreo datavam dos séculos XV ou XVI, com atmosfera medieval e o ladrilho era vermelho, tudo nesse cômodo mergulhava em penumbra. Eis que ele acha uma nova porta e desce por uma escada pedregosa, chegando assim a uma sala antiga com o teto em abóbada. Jung reconhece que a sala pertencia à era romana e, sedento de curiosidade, a explora ao máximo até encontrar uma passagem secreta. Ao adentrar a passagem, o sonhador desce até uma gruta baixa e rochosa onde, sob a espessa poeira, havia restos de ossadas, vasos e outros vestígios de uma antiga civilização. Ali Jung descobre dois crânios humanos já agredidos pelo tempo e, por fim, acorda. O sonho em questão é interpretado por Jung (1989) como uma representação estrutural da psique, os crânios na gruta seriam uma condição prévia de natureza impessoal. Esse sonho catalisou na mente de Jung (2013h; 2008) uma ideia que já aos poucos lhe acometia, a saber, na existência de um *apriorismo* coletivo do psiquismo humano, o que o levou a formular, mais tarde, a teoria dos arquétipos.

O que Jung (2013e) denomina de inconsciente coletivo é a resultante do trajeto psíquico da espécie, isto é, há uma dimensão do psiquismo, ligada à história da estrutura neural, responsável pela formação de motivos e padrões de percepção. Essa dimensão do funcionamento inconsciente é coletiva, assim como o coração ou qualquer outro órgão também o são, ou seja, é coletiva porquanto pertence à humanidade como espécie, antes de pertencer ao sujeito. A essa instância psíquica, Jung denominou de inconsciente coletivo ou filogenético. Nessa dimensão mais profunda da vida anímica, estão presentes os arquétipos que são padrões de percepção e formadores de motivos também herdados ao longo da história da espécie humana. Podemos dizer que os arquétipos são o equivalente aos instintos, dito de outra forma, são coordenadas que promovem uma resposta mais ou menos padronizada diante de uma situação específica. O que faz dos arquétipos, no entanto, uma estrutura *sui generis* em relação aos outros instintos dos demais seres vivos é a capacidade de, ao atravessar a subjetividade, gerar uma imagem anagógica de caráter mitológico à qual denominamos de imagem arquetípica.

Assim, em contato com o sol que cruza o firmamento, porção primitiva de nossa mente, isto é, o inconsciente coletivo e seus arquétipos, conferem ao astro solar uma imagem que o representa ao mesmo tempo que tenta explicar – por uma linguagem simbólica, é claro – a sua natureza misteriosa. Essa imagem se manifesta nas fantasias, nas criações e, principalmente, nos sonhos. Cada imagem arquetípica é única em sua manifestação, mas compartilha com as demais imagens os motivos mitológicos advindos de seu fenômeno de origem. Desse modo, cada ser em si concebe uma imagem para o deus solar, no entanto, todas as imagens assim concebidas não de guardar algo em comum referente, principalmente, à natureza do sol e à forma como ele é percebido pelo espírito humano.

Ao longo de sua prática clínica, Jung (2008) percebeu que não apenas os entes naturais, mas também os fenômenos da existência, como a angústia, a solidão, o amor não correspondido, a ansiedade, o desamparo, as relações parentais e as demandas da sociedade etc., também eram provocadores de motivos arquetípicos. Eram, pois, eventos capazes de levar ao psiquismo do paciente uma série de imagens e narrativas de cunho mítico-religioso que diziam sobre o drama vivido por ele. Por esse motivo, o dispositivo analítico de Jung

Vale, P. do

deixa de ser uma mera síntese dos movimentos afetivos presentes na associação livre e nas fantasias e passa a integrar também um confronto de narrativas mitológicas e simbólicas.

Jung entende que ao amplificar o conteúdo trazido pelo paciente com imagens de cunho semelhantes é possível decifrar sobre o que versa aquele sofrimento. Isto é, para Jung (2013h), no emparelhamento de imagens arquetípicas, é possível, tal como faz um filólogo, construir um conhecimento acerca da natureza arquetípica colocada em jogo. Tais preceitos psicológicos e, principalmente, o método derivado desses preceitos afastam Jung vertiginosamente da prática psicanalítica clássica e o situam numa abordagem própria, a qual podemos denominar de Psicologia Analítica (Shamdasani, 2005).

Como demonstrado ao longo do texto, a teoria do inconsciente coletivo é uma consequência fatídica do percurso intelectual traçado por Jung e de sua forma de ver o inconsciente e os sonhos. Para Jung (1989, 2013h, 2008, 2013e), não existe a censura que metamorfoseia as produções do inconsciente, o processo onírico e as fantasias são parte da natureza e seus produtos dizem o que podem da forma como podem. A linguagem dos sonhos, portanto, não é difícil porque é censurada, mas sim porque se trata de uma linguagem arcaica, banhada naturalmente em analogias e conteúdos simbólicos. Para Jung (2008), o inconsciente e suas manifestações são processos naturais, isentos de arbitrariedades e prestidigitações, são, por conseguinte, parte de um conjunto fenomênico situado na história natural, uma parte da relação entre a humanidade e o mundo (Boechat, 2014).

Jung e Freud mantiveram-se unidos pelo empreito comum de levar a nova Psicologia ao mundo, de desbravar a natureza enigmática da alma humana. É significativo e verdadeiro que ambos fossem, cada um em seu âmago, motivados *ex corde* (do coração) por um grande amor pela humanidade, pela vontade nobre do médico de curar. Não obstante, no que concerne à questão da interpretação científica das peculiaridades do inconsciente, tiveram de seguir caminhos distintos. E essa longa narrativa permite colocar em termos claros que Jung (1989) não foi um mero dissidente ou excomungado de Freud e do Movimento Psicanalítico, mas um membro genuíno empenhado no reconhecimento do inconsciente como realidade psíquica basal e passível de demonstração empírica. Jung foi divulgador, organizador e colaborador, foi talvez um exímio psicanalista ou pré-junguiano até não poder mais conter seus chamados internos e seguir, para o bem ou para o mal, seus próprios passos (Shamdasani, 2005; Von Franz, 1997).

Referências

- Bell, M. (2010). Carl Gustav Carus and the Science of the Unconscious. In Nicholls, A. & Liebscher, M. (Eds.). *Thinking the Unconscious: Nineteenth-Century German Thought* (pp. 156-172). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bishop, P. (2010). The Unconscious from the Storm and Stress to Weimar Classicism: The Dialectic of Time and Pleasure. In Nicholls, A. & Liebscher, M. (Eds.). *Thinking the Unconscious: Nineteenth-Century German Thought* (pp. 26-56). Cambridge: Cambridge University Press.
- Boechat, W. (2014). *O livro vermelho de C. G. Jung: jornada para as profundidades desconhecidas*. Petrópolis: Vozes.

- Ellenberger, H. F. (1970). *The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*. London: Fontana Press.
- Freud, S. (1996a). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 39-49). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1886).
- Freud, S. (1996b). A história do movimento psicanalítico. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, pp. 15-73). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2001). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à Psicanálise (1916/1917). In Freud, S. *Obras Completas*. (Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1916-1917).
- Freud, S. & Breuer, J. (1996). Estudos sobre a histeria. In Freud, S. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 2, pp. 13-316). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. & Jung, C. G. (1974). *The Freud/Jung Letters: The Correspondence between Sigmund Freud and C. G. Jung*. Princeton University Press.
- Garret, H. (1959). *Grandes experimentos da Psicologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Goodwin, C. J. (2010). *História da Psicologia Moderna*. (4ª ed.). São Paulo: Cultrix.
- Jaffé, A. (2002). Notas da editora. In C. G. Jung. *Cartas*. (Vol. 1). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1989). *Memories, Dreams, Reflections*. New York: Vintage Books.
- Jung, C. G. (2002). *Cartas*. (Vol. 1). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2008). Chegando ao inconsciente. In Jung, C. G. (Org.). *O homem e seus símbolos* (2ª ed., pp. 15-132). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1964).
- Jung, C. G. (2012a). Investigações experimentais sobre associações de pessoas sadias. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 2, 3ª ed., pp. 11-222). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1904).
- Jung, C. G. (2012b). Psicanálise e o experimento de associações. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 2, 3ª ed., pp. 331-361). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1905).
- Jung, C. G. (2013a). A teoria de Freud sobre a histeria: resposta à crítica de Aschaffenburg. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 4, 7ª ed., pp. 11-18). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1906).
- Jung, C. G. (2013b). A teoria freudiana da histeria. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 4, 7ª ed., pp. 19-34). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1908).
- Jung, C. G. (2013c). A análise dos sonhos. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 4, 7ª ed., pp. 35-44). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1909).
- Jung, C. G. (2013d). A respeito da Psicanálise. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 4, 7ª ed., pp. 91-96). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1912).
- Jung, C. G. (2013e). Símbolos da transformação. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 5, 9ª ed.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1924).

Vale, P. do

- Jung, C. G. (2013f). A divergência entre Freud e Jung. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 4, 7^{oa} ed., pp. 328-336). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1931).
- Jung, C. G. (2013g). Sigmund Freud, um fenômeno histórico-cultural. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 15, 8a ed., pp. 38-45). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1932).
- Jung, C. G. (2013h). Fundamentos de Psicologia Analítica. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 18, tomo 1, 7^a ed., pp. 13-200). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1935).
- Jung, C. G. (2013i). Sigmund Freud. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 15, 8a ed., pp. 46-54). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1939).
- Jung, C. G. (2013j). Psicologia do Inconsciente In C. G. Jung. *Obras Completas*. (Vol. 7, tomo 1, 23^a ed.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1942).
- Jung, C. G. (2013k). Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 4, 7^a ed., pp. 97-230). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1955).
- Jung, C. G. (2014a). *Seminários sobre Psicologia Analítica*. (1^a ed.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1925).
- Jung, C. G. (2014b). On the Psychology and Pathology of So-Called Occult Phenomena. In Jung, C. G.. *The Collected Works of C. G. Jung*. (Vol. 1). Princeton: Princeton University Press. Edição digital completa. (Obra original publicada em 1902).
- Jung, C. G. (2014c). Cryptomnesia. In C. G. Jung. *The Collected Works of C. G. Jung* (Vol. 1). Princeton: Princeton University Press. Edição digital completa. (Obra original publicada em 1905).
- Jung, C. G. (2014d). Flying Saucers: A Modern Myth of Things Seen in the Skies. In C. G. Jung. *The Collected Works of C. G. Jung* (Vol. 10). Princeton: Princeton University Press. Edição digital completa. (Obra original publicada em 1958).
- Jung, C. G. & Peterson, F. (2012). Psicanálise e o experimento de associações. In Jung, C. G. *Obras Completas*. (Vol. 2, 3^a ed., pp. 543-607). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1908).
- Luck, R. (2009). Neue Schweizer Rundschau. *Historisches Lexikon der Schweiz* [HLS]. Recuperado em 16 novembro, 2021, de <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/d/D24579.php>.
- Mcguire, W. (1974a). Introduction. In Freud, S. & Jung, C. G. *The Freud/Jung Letters: The Correspondence between Sigmund Freud and C. G. Jung*. Princeton University Press.
- Mcguire, W. (1974b). Notas do editor. In Freud, S. & Jung, C. G. *The Freud/Jung Letters: The correspondence between*. Princeton University Press.
- Schelling, F. (2015). *Aforismos para Introdução à Filosofia da Natureza*. São Paulo: Folha de São Paulo.
- Shamdasani, S. (2005). *Jung e a construção da Psicologia Moderna: o sonho de uma ciência*. Aparecida: Ideias & Letras. (Obra original publicada em 2003).
- Strachey, J. (1996). Nota do editor inglês. In Freud, S. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 37-38). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1956).
- Von Franz, M.-L. (1997). *C. G. Jung: seu mito em nossa época*. São Paulo: Editora Cultrix.

Through the Prism from Zürich: The roles of Jung in the construction and dissemination of the Psychoanalysis

Abstract

The myopic vision still veiled by areas related to the Psychology, that think the Jung's image as mere dissident from the psychoanalytical movement, eventually eclipses his importance and participation in the process of construction and dissemination of the Psychoanalysis as theory of the psyche and international movement. Starting from this point of view, is claimed in these writings the enhancement of the Carl Jung's view about the Psychoanalysis genesis. The resumption of this perspective contributes to the field of the History of Psychoanalysis when it fends off the simplified and stereotyped narrative that, for some reason, insists to reinforce the end of the collaboration between Sigmund Freud and Carl Jung under terms as scission and brawl, letting of, therefore, to behold the common construction of them both.

Key-words: History of Psychoanalysis. Jung. Freud. Vienna School. Zürich School.

Por el Prisma de Zúrich: Los papeles de Jung en la construcción y diseminación del Psicoanálisis

Resumen

La miope visión vehiculada por áreas afines a la psicología que piensan la figura de Jung como mero disidente de lo movimiento psicoanalítico, acaba por eclipsar la importancia de su participación en la construcción y diseminación del psicoanálisis como teoría de la psique y movimiento internacional. A partir de esta concepción, es pleiteado en este escrito el realce de la visión de Carl Gustav Jung a cerca de la génesis del Psicoanálisis. La retomada de esta perspectiva contribuye al campo de la Historia del Psicoanálisis por alejar la simplificada y estereotipada narrativa que, por algún motivo, insiste em reforzar el fin de la colaboración entre Sigmund Freud y Carl Jung en el uso de términos como cisión y riña, dejando, de este modo, de mirar para la construcción común de ambos.

Palabras-clave: Historia del Psicoanálisis. Jung. Freud. Escuela de Viena. Escuela de Zúrich.

À travers le Prisme de Zurich: Les rôles de Jung dans la construction et diffusion de la Psychanalyse

Résumé

La conception myope encore de nos jours diffusée pour certaines branches ailleurs que la psychologie qui voient la personne de Jung comme un simple dissident du mouvement psychanalytique, fini par éclipser l'importance de sa participation à la construction et diffusion de la psychanalyse en tant que théorie de psychisme et mouvement international. À partir de cette conception, ce texte requiert le relief de la vision de Carl Jung quant à la genèse de la psychanalyse. La reprise de cette perspective contribue au domaine de l'histoire de la psychanalyse une fois qu'il éloigne la narrative simplifiée et stéréotypée, que pour une raison, insiste toujours à renforcer la fin de la collaboration entre Sigmund Freud et Carl Jung dans l'emploi de termes comme scission et rixe, en laissant du côté le regard sur la construction commune aux deux.

Mots-clés: Histoire de la Psychanalyse. Jung. Freud. École de Vienne. École de Zurich.

Recebido em: 16/11/2021

Aceito em: 26/3/2024